



“Ele (Silvio) trouxe para mim a idéia de um Brasil mais leve, mais bem-humorado, mais unido, e isso ajudou a formar o modo como vejo o público brasileiro até hoje”

inseguro, e merece todas as críticas. Mas acredito, mesmo, que a solução está no brasileiro, no indivíduo, em pessoas que encontraram seus caminhos e acharam suas próprias soluções, e que podem, sim, servir de exemplo para nós. Ao contrário do que pode parecer, não é contraditório, uma coisa não anula a outra, elas se complementam.

Você dispara como o roteirista que

mais contabiliza milhões em nosso cinema... e, arrisco, também em nosso streaming, vide o êxito mundial, via Netflix, de “Tudo Bem No Natal Que Vem”. Como se cria pontes diretas entre a dramaturgia e a audiência nacional?

Engraçado que estou voltando de um evento de cinema neste momento, a MAX de Minas Gerais, onde todos me faziam a mesma pergunta. Os painéis eram sobre como

atingir mais público. Eu sempre digo que não há fórmulas. Eu tenho muitos sucessos, mas já fracassei algumas vezes também, o que é natural, ainda mais em trinta anos de carreira. Não há fórmulas, mas há formas de desenvolver a sua percepção e capacidade de observação. Antes de falar com o Brasil, ou com qualquer público, é preciso primeiro ouvir o Brasil, ouvir este público. O problema é que 80% da classe cinematográfica brasileira não gosta do público brasileiro, não quer ouvir o público. Então o diálogo não ocorre e fica difícil construir pontes sem diálogos.

Qual foi o filme que te fez amar o cinema? Qual foi o filme que te fez querer escrever cinema? Qual filme te acalanta nas horas de pressão? Qual filme te conforta nas horas de dúvida?

Não consigo especificar mais isso, pois as lembranças se misturam muito. O primeiro filme que vi no cinema quando bem garoto

foi “Digby, o maior cão do mundo”, e lembro que me diverti horrores. Minha mãe não me aguentava mais ouvir falar do filme. Fiquei louco por cinema depois dele. Acho que o filme que me fez querer escrever para cinema foi “O Clube dos Cinco”, do John Hughes. Nem gosto tanto do filme assim, mas lembro que foi a primeira vez que olhei pra tela do cinema e pensei: “eu consigo fazer isso”. Tenho alguns filmes que me acalantam em momentos difíceis. Um deles é “Primavera, verão, outono, inverno, e... primavera”, do Kim Ki-Duk. Um que entrou recentemente para esta lista foi “Questão de Tempo” do Richard Curtis. A trilha sonora desse filme sempre me emociona. E quando fico em dúvida de algo, principalmente profissional, revejo algum do Billy Wilder. Era impressionante como ele fazia tudo parecer fácil. Eu saio dos filmes dele ainda com dúvidas, claro, mas com a maravilhosa sensação de que as respostas chegarão a tempo. Para mim basta.